

MUSEU DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
"HIPOLITO JOSE DA COSTA"

A DENÚNCIA

A liberdade não se supplica de joelhos; se conquista com a espada. — E.

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

Cidadãos!

A *Denúncia* vem justificar o seu título, vem dizer-vos o que queremos, na linguagem a mais convicção e a mais directa, de maneira que todas as classes da sociedade brasileira possam facilmente comprehendê-la.

Basta que cada um de vós possua ouvidos ou tenha olhos, ou, o que é melhor ainda, possua ambas as cousas, para que possa meditar sobre o papel que este organ da genuína aspiração nacional — a republica — vem representar no torvelinho da imprensa rio-grandense.

A *Denúncia* vem narrar ao povo, especialmente á parte desviada da corrente das idéas, o que vai pelo mundo do officialismo monarchico e a elaboração que se effectua no sentido de uma reacção que se desdobra valentemente.

Vem dizer ao povo porque, com uma ingenuidade perigosa, elle pagava tão onerosos impostos; porque trabalhava como uma besta mansa debaixo do azorrague infamante do Privilegio; porque vive na mais críminosa deshonra e na mais revoltante penuria; por que o seu paiz se rebaixa dia a dia aos olhos do estrangeiro que espreguia; porque não adquiriu ainda o necessario para o sustento physico e espirital da familia. Vae dizer ao povo onde se amonta o seu dinheiro confiscado e por que segue para esse deposito illegal, porque se vos explora, se vos illuda, cidadãos que viveis na sombra de uma triste ignorancia, vós, sobre quem o abutre esfamado da monarchia abriu, ha tres seculos, as azas negras para evitar que recobessis a Luz, que tudo aclara e melhor rasga o seio das vossas riquezas, embruteccendo os vossos cerebros e derramando o balsamo traiçoeiro da inanição por sobre os vossos corações de patriotas.

Vós tendes sido illudidos na vossa boa e honesta fé, e não tendes consciencia d'isso; e, se não é assim, ou estaes obcecados e inertes pela accumulção dos infortunios, ou estaes possuidos de um quebrantamento de forças pela pressão ominosa

do fluido interessiro, ou então... ou então fostes dominados dolorosa e desgraçadamente pela farga do 2º reinado á prova dos mais degradantes servilismos.

Esta é que é a verdade.

Pois bem. Se ignoraveis esse turbilhão de ignominias e artimanhas que vão solapando os alicerces da dignidade brasileira, e fazendo de vós um gigante com o stigma de um forçado ante a livre communhão americana, a *Denúncia* vem interpor-se entre vós e o abutre, como um raio de luz furtiva coando através das pennas d'esse monstro secular que tenta empannar o brilho das liberdades publicas.

Se estaes obcecados pelos infortunios, pelos dissabores, a *Denúncia* vem mostrar-vos a trilha larga que deveis seguir, obstinadamente, sem olhar para trás, sem vacillar ante a tempestade estalada do povo. Assim, como se de uma plumagem de tréva se desprendesse ao acaso uma pluma de esperanza!

Se estaes possuidos de terror diante dos factos consummados, aqui está a aspiração nacional para incitar a plebe que extrahia da consciencia da França o diamante universal de 89, a desde já cumprir o seu dever — produzindo, uniformemente, um só abalo nos alicerces d'esse castello arruinado, que é a vergonha da architectura moral da America e que se chama monarchia bragantina, — a causa unica das desgraças d'este paiz.

Eis a nossa missão; porque contamos com o povo em massa compacto, guiado pelas mesmas aspirações, e forte, mais forte ainda do que n'esse momento em que impõe, n'um só arranco, a capitulação da monarchia esclavagista.

A *Denúncia* vem soltar em praça publica o grito de guerra; vem pedir ao povo rio-grandense os seus musculos para a torsão violenta impressa pelo povo paulistano ao circulo de ferro que nos esmaga, estreitando-se dia a dia, até que consigamos despedaçal-o de uma vez para sempre.

Se, porém, a traição dos usurpa-

dores campear descaradamente sobre o corcel do 3º reinado, então... então que os verdadeiros brasileiros, que os verdadeiros americanos abandonem esta terra de maldição, convertida n'um continente á parte — o continente da infamia e da covardia!

AO exercito

I

A honra e a dignidade da patria estão em perigo e devem ser salvas, custe o que custar.

Descamba com Pedro 2º o reinado das concessões e da corrupção, na mais vasta escala e já se pôde prever os primeiros indícios de um outro pior — o do exilio, do cadafalso e da tyrannia para todos que tiverem uma alma que se emocioe, que se condão da infelicidade d'este peçoço da America.

E' um estrangeiro, um expulso da França que quer inaugurar o aqui, onde a natureza produziu tanta fertilidade no solo e variedade no clima para as mais poderosas manifestações!

Soldados, que tantas vezes tendes concorrido para abater despotas, não o consintaes por amor á nossa liberdade, por veneração ás cans dos nossos pais e por garantia ao futuro dos nossos filhos!

Preparamo-nos para a lueta e o espreitamos cautelosamente, com a mão na espada ou com a arma engatilhada, a figura sinistra do conde d'Eu que assoma ao longe.

No momento que se approxina é necessario o concurso de todos, e cada soldado deve ter sempre diante de si a imagem sacro-santa da patria, porque, enxolada por quasi todas as classes que interessadamente dependem do nefasto governo do Brazil, vai abrigar-se principalmente no seio do exercito e do povo.

O sete de abril e a questão da libertação dos escravos ali estão para provar como «defensores da honra e da integridade da patria» sobestes consorciar-vos com a plebe para atirar barra fóra Pedro I, filho de d. João VI, que covardemente aban-

donou Portugal, peçoço de 1820, mas de Junot, e para a ta mais memoravel e mais que temos dito até hoje — 13 de maio de 1888.

Sabeis, e não é preciso dizer-vos, que na velha Europa o cidadão armado derrama inutilmente o seu sangue para sustentar monarchias; mas na livre America, na patria de Washington, de Tiradentes e de tantos outros, só se bate ou só o deve fazer pela liberdade.

Seria uma vergonha, um crime que as gerações posternas não nos perdoariam, se, estando prestes a festejar-se o centenário da queda do regimen catholico e feudal, conhecido na historia pela Revolução Francesa — início do movimento democratico que tem encontrado pouca admiração em todas as nações — ainda hoje aceitassemos o 3º reinado, indigno do passado historico que nos legou o proprio d'este povo generoso e incompativel com os destinos da America.

Tiradentes, o chefe, o agitador da insurreição mineira, que por seu civismo, amor aos principios democraticos e patriotismo, chamou a si a responsabilidade da *inconfidencia*, affrontando por tal modo as iras dos Braganças, sahio das vossas fileiras, recebeu de vossos antigos camaradas aquelle influxo de abnegação, aquelle sentimento de fraternalidade, de heroismo, que só pôdem ter os grandes homens ou as classes que por suas tradições, por sua independencia se impõem, como a vossa, ao respeito e admiração da opinião publica.

Deveis tambem experimentar as commoções da tristeza que sentimos ao encarar o estado de abatimento a que chegou a patria brasileira, que parece mais um povo cadaver, do que aquelle que traçou na historia os nomes de tantos martyres; mas, a hora de reivindicar os nossos direitos não está longe de soar, e n'esta occasião deveremos então nos reunir para arrancar aquillo que nos pertence, das mãos dos avaros e dos tyrannos, porque ainda não está tudo perdido.

a questão militar, o povo por certos cantos, sonha a posição de liberdade... agosto, — Silveira com procedimento em cyaismo reconhecera que os seus actos punitivos ficaram isolados

de sobre indicação, a pergunta para resolver a referida questão militar, quando Pelotas, respondendo ao riso sarcástico que se exprimia o barão de Cotegipe, lhe declarou que «a força não estava do lado do governo e que não se enganasse, recordando-lhe o 7 de abril», foi imposta pelo medo com que o tribuno rio-grandense, ministro, homens políticos e corâ receberam as palavras sinceras e frias do militar respeitavel; porque a guarnição da corte em maioria estava prompta e preparada para pegar em armas!

Lembra-vos que, enquanto os militares d'esta terra dos Farrapos eram solidarios com o procedimento do altivo e destemido Madureira, e que por toda a parte havia o mesmo movimento uniforme, o aventureiro do sul que era commandante geral d'artilharia, seguia com a beata Isabel para os paizes estrangeiros, a gozar as riquezas fabulosas que tem extorquido por todos os meios do bondoso povo brasileiro.

Não hoitais, cidadãos armados, que há em todos os espiritos ora um certo temor, ora um certo terror, consequência dos factos que se accumulam, que se congregam para desdobrar-se no coração do paiz? E' o inimigo que já se approxima empunhando o braço vibrante o punhal da ignominia e da deshonra contra a nossa cara patria.

Continuaremos.

Tiradentes

Os rio-grandenses escravos?

O Rio Grande do Sul, onde o patriotismo é proverbial, constituelo a sua historia herometica com as victorias que ha centenas de annos, coroarão sanguiinolentas batalhas travadas em prol de sua independencia politica.

Os gaúchos d'esta terra, levando uma vida quasi nômade, percorrendo as vastas campinas que são a imagem de suas idéas; acontados pelo rijo pampaeiro que os torna tambem rijos de caracter; os gaúchos, sempre indomaveis, sempre capazes de todos os sacrificios, zelosos sempre de suas

gloriosas tradições, nascido da liberdade, vivem para a liberdade e por ella batem-se lentamente até a morte.

Um dia á roda do fogo, cercados pela familia, descansando dos dez annos de lutas sem tregoa contra a monarchia podre dos brangaes, recordando os feitos heroicos dos *farrapos* de 35, os rio-grandenses ouviram, atravez do espago, uma voz potente que bradava: «Eu sahi do fogão dos *gaúchos* com a bandeira da liberdade na mão!»

E esses leões, julgando ouvir o echo de suas vozes, despertaram para acclamar Gaspar Martins, o politico puro, masculino orador, representante genuino das aspirações democraticas do povo, o liberal historico que era o continuador dos *farrapos*.

D'esse dia em diante Gaspar Martins dispoz d'esta provincia á sua vontade para subir, subir até... S. Christoval, onde quer deixar estes bravos rebeldes de todos os tempos.

O Rio Grande do Sul commettendo a levandade de escravizar-se a um homem, mesmo assim procedia com guardiã, com a nobreza e com o heroismo da gratidão, porque Gaspar Martins o merecia.

Hoje ainda os rio-grandenses são escravos voluntarios do mesmo homem, porém a escravidão de hoje, rebaixa, avilta e desmoralisa; a escravidão de hoje é a mais completa alienação da liberdade e da dignidade de individuaes.

Hoje — o conselheiro Gaspar cahio estrostando sobre o alto de sua gloria porque tornou-se um farante; tirou a mascara que o encobria e declarou-se tal qual — é um ambicioso vulgar que só tem um merito — a incoherencia.

Hoje, elle esqueceu o *radicalismo*, trahiou a Felix da Cunha, feriu ao immortal Ozorio, vestiu libre de laciao, tornou-se senador *vitalicio*, esqueceu a Joanna de Louca — para só se lembrar da futura Imperatriz!

Hoje, elle jacta-se de ser *homem de character* na opinião d'aquelle que era o corrupto e anêmico governador do Brazil; hoje elle chama a attenção do governo para o movimento republicano e, hoje, finalmente, elle é um cavento politico, sem idéas, sem valor moral, um trahidor impudente que abusa da gratidão e generosidade desta terra que parece degenerada.

E nretanto, a avalanche da infamia monarchica que rola do alto de tres seculos avolumou-se com as baixezas de d. João VI que abandonou a patria em perigo, com o despotismo de Pedro I, o amigo do Chalaca, com a corrupção machavelica do segundo Pedro, e quer avolumar-se mais com o cumulo da indignidade com o governo de um estrangeiro expulso da patria.

Minas Gerases, protesta em nome da vergonha, pronunciando-se pela Republica; *Parahyba do Sul*, secundado; Rio de Janeiro applaude a reacção democratica.

São Paulo acclama a Republica e arma-se para a luta.

E tu Rio Grande do Sul, o que fazes?

Esqueceste o teu passado? Rengaste a Bento Gonçalves, Canabarro, Netto, Zambecari e tantos outros?

Quando a democracia americana tem os olhos fitos em ti, quererás ficar covardemente aos pés de um apostata como Silveira Martins?

Não! Estes bravos rio-grandenses que lutaram mais de quatro centos annos pela liberdade da Patria; que sempre se bateram por principios; que contavam generosas como Garibaldi no numero dos seus soldados não de levantar-se mais uma vez para evitar o 3º reinado, que é o apparecimento e consequente desmoronamento da Patria.

E' preciso abandonar o trahidor Gaspar Martins e extor a estrangeiro audaz que nos quer subjugar, em nome dos seus interesses.

A' postos, rio-grandenses!

David Canabarro

E' mister evitar

Resistir a liberdade por que pode fazer extorção, é o mesmo que resistir a se porque pode proibir facilis a opressão.

E. CASTELLAN

Uma sombra paira em todos os espiritos, uma commoção inexprimivel vibra em todos os corações brasileiros.

O que se está passando?

O que succede?...

E' o spectaculo triste d'uma patria agonisante, soffocada sob o peso despotico da tyrannia; é o desmoronamento de uma sociedade inteira tombada estrondosamente; é o fermento d'uma idea grandiosa e tufibilhona no seio da massa popular; são as phalanges sagradas, protogonistas do grande drama: — A revolução, que se arregimenta, entao os hymnos do amor da patria, á sombra augusta do radiante estandarte da democracia.

Brazileiros! Todos os povos têm o seu dia de grandeza; todos! uma pagina na historia escripta com o sangue de seus herôes ou martyres, ou tra assignalando alliva uma victoria de sua soberania. Das primeiras já as temos nós: o sangue dos inconfidentes do Minas, dos rebeldes de Pernambuco, dos denodados farrapos das verdadejas campinas d'esta terra rio-grandense, em letras purpuras, transformado, fulge em nossos annaes lembrando o nome dos martyres, e, como um monumento erguido á liberdade, o sublime ideal dos povos.

Chegou o momento de escrevermos as outras que nos faltam.

Até hoje só temos divinizado nosos herôes, é preciso que os vingueiros.

Povo! Foi a ti que Tiradentes legou esta divina tarefa; Tiradentes o teu martyr, o Messias de tua liberdade!

Cidadãos! E' tempo de erguermos a cerviz; é tempo de parecermos ativos e patriotas.

Ha 66 annos que somos nação,

mas ha tres seculos que somos escravos!

Desde que a prôa cortante do navio de Cabral abicou esta terra, indo recordar no valle o guerrero selvagem, que ali vivia livre como a brisa de suas campinas, heroico como o lapir de suas florestas virgens, para, covardemente roubando-lhe a terra, encheo de ignominia fazendo-o escravo; desde que o primeiro brasileiro foi para *exemplo* martyrisado e morto pelos nossos descobridores, tingindo com seu sangue o solo virgem da patria; desde ahí começou a rugir-nos no peito a vingança, desde ahí se accumulou o odio em nosso seio.

Durante trescentos annos como colonia fomos extorquidos e saqueados pela metropole insaciavel; durante trescentos annos sobre nós pairou o abutre estrangeiro, avassallando-nos. Eramos o seu thesouro inexaurivel, como eramos o seu escravo humilde...

Retemporados ao fogo de tão longo periodo de dôres; fortalecidos no captiveiro; revigorados pelo exemplo de nossos martyres, um dia erguemo-nos povo, n'um impeto de enthusiasmo Bradamos pela independencia, fizemo-nos nação.

Mas um aventureiro audaz, aproveitando a nossa inexperiencia e boa fé, fez-se o echo de nosso brado patriótico, tendo na mente traidora a odiosa tenção de conservar-nos captivos as.

Fez-se coroar imperador...

Imperador!...

Deixar um paiz de ser colonia para ser um imperio!

Arrancar a integridade e a soberania das garras de um abutre, para atirar-lhe ás roscas de uma casavel!

Fazer-se nação e entregar-se ao rei!

Deixar de ser o leão vencido para ser a humilde besta de carga!

Eis, cidadãos, o que fizeram o aventureiro infame e seus auxilios covardes, em troca d'aquelle que o povo pedia.

Em vez de uma nação poderosa, fizeram-nos um imperio estupido; pedimos liberdade, deram-nos um rei; pediamos liberdade, impuzeram-nos a infame *carta* que ainda hoje nos avilta, á força, despoticamente.

O que foi o primeiro reinado, em duas palavras se diz: — infamia e lodo. Pouco durou elle, porque tu, oh! povo, expulsaste o salafatrio farçante do Ipyranga; obrigaste-o a abandonar estas plagas brasileiras, e a ir bem longe expiar o crime de sua negra trauição. Matastes a loba, mas por uma generosidade culpavel deixaste os cachorritos.

Foi-se Pedro I, mas legou-nos o filho para continuar sua tarefa. Abandonou o throno, mas sobre elle deixou uma criança que mais tarde, se-

guindo-lhe o exemplo, avassalou-nos a vilton-nos.

Surgiu o segundo reinado; foi a reprodução fiel do primeiro, com a diferença que o primeiro imperador venceu pela força, o segundo pela manha; um era o despota da espada, o Cezar-soldado, o outro o Cezar-corruptor; ambos nos foram repulsiivamente prejudiciais.

E se dizem—oram—é que para nós terminou o segundo reinado, desde que o governo e a *solicitude* de uma filha, enviou a passear a sua diabetis, pelos museus e academias do velho mundo ao segundo imperador.

É este terceiro reinado que nos ameaça, impondo-se finoramente à nação; ser-nos-á com certeza pior, muito pior, que os dois que o antecederam.

A nova imperatriz, além de não possuir nenhum dos dotes indispensáveis à alta posição que quer occupar, tem contra si a educação viciada que lhe deram, a par d'um espesso estúpido e mal intencionado, que será o imperador de facto. Entregar o Brazil às redeas do governo á princeza Isabel, é querer ser dirigido por um príncipe expulso de sua patria, ambicioso e fanfarrão, todo entregue á mania das conquistas, a sonhar com batalhas e re-encontros, tendo por unico ideal perturlar a paz d'esta America, fazendo de nós, que somos um povo bravel e altivo, um punhado de soldados—estupidos e passivamente obedientes.

Mas, dado o caso que o Orleans assebuja, o burlesco caudillo de Peribubuy, não tenha a gerência de nossos negocios, caso elle deixe obrar livremente sua «musical» cara metade; nem por isso o mal diminuirá, ao passo trocaremos o ar viciado da caserna pelo da sacerstia. Se elle é don Quixote, ella é beata.

Com certeza, ao proclamarem-se imperatriz, devida á carolice que a asseberba, a Joann d'Arc do sr. S. da Motta, chamará para dignif-lhe os passos e os negocios, aos homens da loja, que são os seus favoritos, far-nos-á escravos do papado, transformará esta terra tão nobre, tão bella, em refugio, em terra da promissão da cohorte negra, expulsa de todo o mundo civilizado o—jesuitismo.—E os jesuitas aqui, é o atraso, o enervamento, a hypocrisia a imperar.

Cidadãos! E' mister evitar o perigo que nos ameaça, custe o que custar, haja sangue embara.

O paiz se prepara para a lucta.

Como o vapor concentrado no bojo rotundo de uma caldeira, irrompe sibilando, logo que se lhe abre uma valvula por onde se escape, assim, do seio de nossa nacionalidade irrompe e se espraia por todo o paiz, o movimento republicano, logo que a lei fatal que a tudo preside, deu volta e abriu a valvula por onde sahio o

grande facto concretizado na lei 13 de maio.

E, como o vapor que, se desprende para atmosphera, ao fugir da caldeira, em seus braços robustos impelle a machina dando-lhe vida e movimento, tal a reacção politica que se está operando, ha de fazer este povo marchar para frente, ha de fazel-o trabalhar, vencer, engrandecer-se.

Que não falte combustivel á machina; que todos os brazileiros se reu-nam e lucem, e não teremos o desgosto de ver esta terra americana calcada aos pés d'um príncipe expatriado, conde sem condado, senhorio de corções; nem subjogada por uma mulher beata que com certeza prefere ao engrandecimento da patria e ao seu progresso, a piedosa e innocente missão de varrer igrejas, ou as conferencias secretas nas trevas de algum confissionario com o primeiro farriccoco que lhe appareça.

Eia, cidadãos! expulsemos os tyrannos, derrubemos o throno e sobre seus destroços confusos entõemos nas coplas sagradas de nossa marselheza.

Frei Caneca

URGENTE

Ocultar o crime, é ser culpavel. A misera classe operaria, os artistas desprotegidos, o exercito ludibriado pelos governos, a plebe do povo brazileiro, porque a plebe é a essencia de um povo, emfim, attendam para as misérias que vaimos des-senhar!

Trata-se de um grupo de individuos riscados do quadro d'aquelles que só concorrem para o desenvolvimento e progresso da sociedade; resumidamente, trata-se d'aquelles que não pertencem á humanidade—á familia Imperial Brazileira.

Sim. Pedro II, todos vós o sabeis, é um typo completamente inútil, está idiota; a princeza Isabel é uma mulher tola, beata, sem a educação domestica siquer, casada com um individuo enotado de sua patria.

O príncipe d. Felipe foi preso por ladrão em Paris, depois de suas excursões devassas como cadete do exercito. D. Augusto que não trepidou em ostentar pelas ruas, em pleno publico, com uma meretrix.

A familia Imperial é assim composta.

E com essa troupe de filotas, devassos, larapios, completas iniquidades, quanto gostamos do nosso suor, servindo de bestas de carga?

Eis o que vencem annualmente: O imperador — oito centos contos. A imperatriz — noventa e seis contos.

A princeza Isabel—cento e cincoenta contos.

O príncipe do Grão-Pará — dezeteis contos.

Os príncipes d. Pedro, d. Augusto d. Luiz, e outros, *doze contos cada um!* Segundo estes dados, não incluindo o que, arbitrariamente pôde ser decretado como dote, a familia impe-

rial nos tem sugado, aproximadamente *cincoenta mil contos!*

Isto durante o segundo reinado e sem incluir as despesas com a borda constituida pelos medicos, professores, mordomos, lacaios, favoritas...

Entretanto, a divida externa cresce, elevando-se a mais de duzentos e trinta e cinco mil contos, porque nem os juros annuaes pagamos; as provincias do Mato Grosso, Goyaz e outras estão completamente abandonadas, sem apoio, absolutamente falando dos nossos governos; a instrução publica inteiramente esquecida; toda e qualquer instrução publica, *enfim* sem ser attendida, eisahi a obra do segundo reinado. Apezar d'isso não falta quem viva a applaudir o povo dizendo: « Pedro segundo é sim sabio, é um santo! »

Agora, porém, que está alienado, reinará Isabel, sob intervenção directa do Conde d'Eu e Conde d'Eu imperadores do Brazil?!

E' um cumulo de infamia e miseria!

Conde d'Eu não é menos descarado que o conde de Paris, pretendem throno, é ainda um aventureiro bem astucioso — marechal do exercito, feito dos pés para as mãos!

Vergonha!

Conde d'Eu é tambem possuidor de uns celebres corções, que no corte é o principal foco alimentador de febre amarella.

Conde d'Eu sonha só em uma guerra por meio da qual camagará todos os patriotas brazileiros.

E Isabel aliada, inepta e corrupta! Quanta desgraça!

Cidadãos, o terceiro reinado é, pois uma zungem negra que, arrebatando em terrivel tempestade, ameaça arremear-vos á completa ruina.

Lançai mão da dynamite!

E' urgente.

Cláudio da Costa.

Aux armes, citoyens!

Este brado heroico repercutiu pela Franca inteira, vibrando na musica esplendida da *Marselheza*, congregando os filhos da grande nação á deleza da Republica.

Tanto como Marat, como Robespierre e como Danton, essa trindade athletica da democracia franceza, fez Rouget de L'isle com esse hymno que fez estremecer todas as almas, alentando todas as energias, commovendo todos os corações, despertando tudo o que faz o firmamento das agitações populares, abatendo toda a covardia, impulsionando todas as forças!

Pois bem, cidadãos brazileiros, é chegado o momento de se vos dizer tambem: *Aux armes, citoyens!* como um grito de guerra para a revolução nas praças publicas e como um apello afflicto a todos os corações patriotas.

Empregamos a mesma phrase do sublime brado republicano, porque queremos despertar nas nossas consciencias as tradições heroicas do glorioso povo francez, fazendo assim com que penseis tambem na nossa patria, recebendo d'esses exemplos a luz de uma orientação patriótica segura, sincera, dedicada.

Seja isso a justificação d'aquella epigrapha, que continuará para todos os artigos que escrevermos na *Democracia*. — Será um apello constante e

incausavel que compatriotas affectuosos e diaalmente...

E' um p... me... de tr... vido e d... a sê de d... verada-se... publica n... busca, cheia de... ção, a victoria da... hisação do grande... ricano.

O periodo de tr... tance, que atravessou... tial expressivo para... ajuda justificar o grande... republicano que se opera... pouz.

Os monarchistas, desprezando os sentimentos da briosa classe da lavoura, attribuem ao despeito as nune-ras adhesões dos fazendeiros á bandeira do nosso partido. E' essa uma accusação tão irreflectida e tão impropriedade que não chega ao campo dos discussões democraticas.

Os monarchistas nos mesmo se queargem de refulsa, isto é, aquelles que não se deixam enganar pela logica dos factos.

Como se os fazendeiros possessem manifestar com isso seu odio ao abolicionismo! Não! Pois elles não viam na propaganda abolicionista o papel brilhante representado pelo papel republicano? Não viram Quirino Bocayuva levando a todos os *meetings* da Confederação a logica irresistivel dos seus argumentos, af frontando assim até a audacia assassina da polleita Coelho Bastos, que tentou assassinal-o no theatro Polytheama fechando para isso o registro do gaz? Não viram José do Patrocinio, esse valente e glorioso propagandista, com a mascara da Republica até o dia 13 de març? Não viram Martim Junior, Aristides Loureiro, de Castilhos, Assis Brazili, Guimarães Natal, Rangel Pestana, Americo de Campos, Alberto Salles, Martinho Prado, Silva Jardim, Albino Meira e outros, pregando por toda parte a liberdade immediata e incondicional? Não viram Campos Salles retirando-se do Congresso dos fazendeiros de S. Paulo porque não foi aceita a sua proposta de libertação immediata? Pois elles não sabem que o partido republicano foi sempre abolicionista radical e repelle a indemnisação como contraria a todos os principios do direito natural que não reconhece a legalidade d'essa propriedade indigna?

Se são despetitados, o que vêm fazer nas fileiras republicanas?

Não, patrocinios da monarchia, defendendo como pedetes a condemnada instituição que nos desgraça; sophismas! menti! mas é preciso reconhecer que, quando a alma popular se agita, não ha sophismas, nem menras que a fazcan parar.

Não, patrocinios da monarchia, o momento actual não é de despeito; é de sinceridade, de trabalho, de justiça e de patriotismo.

A lei da abolição realisada pela vontade nacional, veto despertar todos as classes sociais, animando-lhes a grandeza das conquistas democraticas. O paiz acorreu no meio dos applausos universaes attento e deslumbrado.

Que foi? Uma festa de liberdade. Quem sou? Um pedago monarchista da America republicana.

E a vergonha subindo á face de todos os cidadãos, o patriotismo accendendo todas as almas, produz essa agitação gloriosa e patriótica, que só se acalmará com a proclamação da Republica.

Tal é o momento historico que atravessamos.

Abraços, portanto, alas á passagem dos exercitos democraticos e

regação de es-
de novos
vas ener-

de que a luz
de espadano
deiro das ideias,
dor que encobia
os seculos de op-
das dynastias re-
de o pharol das na-
o, que era a Fran-
de Voltaire legar á pos-
a sua doutrina que foi o tra-
grau da Revolução franceza ?

Compulsá a sua historia e vereis
cada reinado envolta n'um sudário
de sangue.—O povo completamente
embrutecido pelas ideias obscuran-
tistas dos Lovelaces occultos sob o
manto da realza, tolhida a sua li-
berdade de acção pelo poder despo-
tismo dos reis que monopolisavam toda
a casta de privilegios, vendados os
seus olhos pela não cultivada dos
infeis gulos da nação, não podia re-
conhecer o abismo insensível cuja
fauce estava prestes a tragar a pa-
tria de Rousseau.

Porem depois que o eminente mi-
nistro M. Necker, preserrutando os
escaninhos mysteriosos das recon-
fiscas gavelas da secretaria do governo,
descobrio o livro das despesas do es-
tado e da casa real, e apresentou
pela primeira vez em pleno publico
a afamada «compte rendu» que os
cortesões cognominaram de conte
bleu, cujo foi uma martellada da sub-
limação da realza, do deli-
to fez-se a luz no cerebro obcecado
do povo francez, e a irradiação do
facho luminoso da verdade desvan-
ceda pelo patriota ministro do estado
despertou do lethargo em que jazia
a autonomia popular! Como expan-
são immediata e brusca da Evolu-
ção, habilmente retardada em sua mar-
cha gradativa e uniforme, explosão a
Revolução de 80; cem contínuos, os
primeiros accordes harmoniosos da
Marselhesa, como um cântico do an-
jos invisíveis segredando as melo-
dias da gloria, a soberania do povo
calcava nos pés a soberania da realza !

A Bastilha, ultima tradição de despo-
tismo, laqueou com estrepito, es-
cuppulando sob seus ruinos o sceptro
do rei; e os escaninhos vomitaram o
bombardas saudaram eloquentemente o
rememorar da bandeira tricolor da li-
berdade hastada no palacio do Lou-
vre e como um protesto eterno as pre-
tenções ambiciosas dos privilegiados
testas coroadas, sanguessugas do po-
vo opprimido pelo imposto do ma-
no real! Desde então, Paris tornou-
se verdadeiramente a digna capital
da França; e a França livre da mo-
narchia que antes se hecupitava do
ouro do proletrario para guarnecer as
mesas do paço real de finas ligurias,
emquanto que o pobre burguez de
porta em porta implorava um pão,
tornou-se a capital do mundo civili-
sado!

Cidadãos! Urge que o França
imite o nobre destino da Fran-
ça! Sob o regimen monarchico, ca-
da hora marcada pelo pendão, é um
gemido da nação escravizada pelos
grilhões da oppressão! O Brazil, es-
cillando sensivelmente aos embates
dos ventos carnonizados da traição

mascara pelo mesquinho embus-
to do caracter da familia braganti-
na, sedenta de ouro como uma com-
mandita de agiotagem, em breve
tempo será assolado pela peste da
banca-róta. O commercio, qual velho
peregrino de bordão em pinho, mal
pode suster-se nas alquebradas per-
nas da industria, feneca na propria
aureola do seu ser, exauridas as
forças; o caracter nacional con-
taminado do virus corruptor, o vicio,
introduzido nas virgens plagas ame-
ricanas pelo liberlino cavalheiro de
industria Pedro 1.º, amoeça ser preso
da epidemia do indifferenismo que
segundo Rousseau é o peor flagello
que arruina um povo; as ideias po-
liticas, tornando-se ideias de opinio
assalariada pelos argentarios, ope-
ram revoluções iustelinas entre os
partidos monarchicos, introduzindo
a discordia entre os asol-disants re-
presentantes do povo; o parlamento
bragantico, que devia ser o sanctu-
rio da lei e do direito, é uma casa de
cambio em que predomina o interesse
individual suprojando os interesses
da nação; o thesouro nacional,
qual victima hebdomadica da «pieu-
re», examina ameaça baquear, sem
sangue nas veias que não são mais
do que as artérias do povo; o este
completamente ludibriado pela poli-
tica machiavelica do sabio monarcha
compositor de sonetos de bordo, cu-
jas rimas sem nexa provam exhibe
rudentemente a sua intellectualidade,
conserva-se em completo statui quo,
aguardando a apparição do velocino
de ouro!

Cidadãos!
Não é observando a passagem do
Venus pelo disco solar, creando
conservatorios do musica classica e
empechendo viciosa «disputas
a China, que o Brazil attingirá a
plentitude do seu desenvolvimento.
O progresso de uma nação resulta
do sentimento patriótico do povo, e
para que o patriotismo se manifeste
forçoso é desenvolver a educação no
seio da familia, porque assim como
do amor materno resulta o amor fi-
lial, deste origina-se o amor civic
que produz o sentimento sublime do
amor á patria.

E que tem feito a monarchia no
Brazil? Representada no filho espuri-
do da Lusitania legou á historia o
brado do Pyrranga, que foi a 1.ª ex-
pansão do patriotismo hypocrisa acri-
sillado no peito d'aquelle fidalgo em-
bustoso; e como garantia do futuro
desenvolvimento do Brazil, impoz a
constituição de 1824 que é um sarcas-
mo affrontoso ao direito que rege
as nações cultas.

Expulso do Brazil o Ex. Juan Tenorio
bragantino como antes o fora de
Portugal, repellido o aventureiro
fidalgo pela memoravel represalia de
7 de abril e reconhecida a maiorida-
de illegado 2.ª monarchia, nova em
escena operou-se no paiz, e surti-
do da obscuridade o imperador menino
iniciando o seu governo com a oppres-
são aos sentimentos altruistas do povo.

Aproveitando a divergencia que
existia entre os partidos monarchicos,
tratou de esmagar uns e elevar
outros ao poder.

Aos liberees, que o puzeram no
throno reconhecendo-o legitimo re-
presentante do imperio, atraço co-
bardemente quando do posse do po-
der; e, qual villão, negou-lhes o seu
appoi á gerencia do Estado.

Desde então, cercado dos reac-

cionarios aos quos elle elevou aos
pinaculos da grandeza, restabeleco
definitivamente o seu poder depois
de pequenas escaramuzas da parte
dos repudidos que foram prompta-
mente suffocadas pelas forças impe-
riaes, dedicou-se o sabio imperador
á corrupção da educação do povo,
amequinhando o seu caracter e to-
lhendo a liberdade de pensamento,
que desde longa data se manifesta-
va esperanças nas provincias de
Minas, S. Paulo e Rio Grande do Sul
cuja ultima consueo plantar, n'um
supremo esforço, o pavilhão da re-
publica infelizmente malograda pela
perfidia da tyrannia.

Conseguida a atropia do progress-
o nasceu e finalmente consumma-
da a campanha do Paraguay, que foi
um drama diabolico posto em scena
para estrá do protagonista conde
d'Eu, genro do imperador, que mais
tarde devia guiar os destinos da na-
ção sob a capa da princeza Isabel suc-
cedeu-se um periodo de deslente a
que o distincto condeado Assis
Brazil chama «estagnação», que na
sua opinio é o «caracter de 2.º rei-
nado». Porém mal sabia o successor
da tyrannia que vivendo em com-
pleta inação, fruindo o goso do de-
leite no meio viciado da fidalguia do
seu palacio, fomentava a sua propria
ruina! Presa da vellice prematura,
consequencia immediata das ince-
santes vigílias sob a atmosphera
irritante do theatro lyrico onde apre-
sentava-se qual joven «habitué» para
coroar a arte italiana, emquanto que
a arte nacional mendiga implorava
uma mão amiga para auxiliá o seu
desenvolvimento, achacado de incur-
ral maldade, o imperador arrinado
pelas orgias nos seus aposen-«tidos»,
pazas com o proli-«do», im-
puzto lançado ao povo, logo se in-
quebrado, debruçado sobre o abun-
do! Um momento mais, e elle haicra-
do ao vasto laboratorio das meta-
morphoses ultimas da materia, com-
fundindo n'um mesmo plano o seu
sangue azul por gradação de Deus e an-
gelo, e o sangue purpuro do operario ob-
scuro que elle com desprezo fazia o
seu curr imperial salpazar de lama!
Cidadãos! A monarchia é uma força!
Montalembert, o glorificador do
sufrágio universal, diz: «Os povos
perdoam muitas vezes aos poderes
dezes que o «enganam!» Pois
bem, E' demais tanta mentira!

A longa trajetoria de tempo de-
corrido desde que implantou-se a
monarchia no Brazil, é sufficiente
para demonstrar quão esteres tem
tido os seus fructos, e entretanto
ameaçam nos ávida o 3.º reinado. A
monarchia semellante a um velho
tronco seco, carcomido pelo inverno
da vida, parecia privada de seiva,
promette menos rebentos n'uma
primavera. Em breve a phrase lu-
gubre: «le roi est mort, vive le
roi» retumbará pela 3.ª vez no Bra-
zil; e então a nossa gloriosa patria,
amequinhada pelo fanatismo de Es-
chel, e saqueada pela usura de um
principe sem pudor que foi expul-
so de França para não manchar o
seu solo, baqueará inevitavelmente
para não mais se elevar ao nivel
das nações civilizadas, estigmatiza-
da pelo selo indelével do opprobrio.

Cidadãos! O tempo urge!

A parásita é uma inimiga da plan-
ta e a monarchia é uma parásita se-
cular que quando se adapta a uma
nação, nega-lhe a seiva até prostral-
a inerte.

A paralexia já se declarou no
povo produzindo, como consequen-
cia, um grande grupo de indiffe-
rentes aos destinos da patria; mas
ainda é tempo de evitar a propaga-
ção do mal nas outras camadas so-
ciaes do trunfo—o com auditores
violentos.

o antídoto de um veneno é outro
veneno. Pois bem, A' oppressão
despotica da monarchia representa-
do no conlito de Isabel, a fanatica, e
Olympias, o aventureiro, isto é, da
hypocrisia e da mentira trajando as
galas do patriotismo, opponhamos a
revolução como o unico remedio
inergico para a debellação do mal.

Cidadãos! «Cada seculo que sur-
ge é um novo calendario para a hu-
manidade», disse E. Castellar. Pois
bem, No seculo dezenove, que res-
presenta o seculo da liberdade para
o escravo no Brazil, não pôde per-
durar a monarchia que é o negão de
todos os direitos individuais!

Monarchia, significa usurpação da
liberdade dos cidadãos por um ente
que roubou a soberania do povo!
Monarchia, quer dizer fraude!
Monarchia, representa o despoiti-
smo mascarado pelo poder constitu-
cional!

Monarchia, é Carlos IX ordenan-
do a matança de S. Bartholomeu!
Finalmente, a monarchia é Nero
incendiando Roma!

Cidadãos! Um governo existe que
exprime a franqueza a boá fé: —
E' o governo do povo pelo povo, o
sufrágio universal em toda a sua
plentitude manifestando-se sincere-
mente em prol do progredimento da
patria; é a espontaneidade do voto
do proletrario casando-se com a
relação dos «bastados» para a eleição
do genuino e verdadeiro repre-
sentante da nação; é o governo da
verdade que é o transpunto da demo-
cracia!

Compatriotas! As Americas do
Norte e Sul, são duas irmãs unidas
que receberam o mesmo baptismo
do Oceano Atlantico.

O oceano é a expressão da li-
berdade proclamada por Washington,
nos Estados Unidos.

As Republicas do Prata e suas
congeneres, vivem sob os influxos
dos raios benéficos do sol da demo-
cracia; emquanto que o Brazil ve-
gente rachitico privado da luz que é o
agente poderoso da vida!

Pois bem, Cidadãos de todos os
credos politicos! Quereis salvar a
patria? Quereis salvar a patria? Que-
reis salvar a patria? Quereis salvar
o jugo despotico da familia de Bragan-
ça. Quereis o progresso no Brazil?
Arranca a coroa imperial do throno
e substitui-a pelo singelo barre-
te phrygic!

Quereis fertilisar a terra do San-
ta Cruz? Derrubai o estalao de Pe-
dro I, que é a imagem da traição e
do religio e arrojai no Campo
de Aclamação o pavilhão da Repu-
blica; depois, lancai mão da bandeira
nacional, «auri-verde pendão», que
se ostenta no paço Imperial e amortalha
com ella a escravidão! Desde então,
reconheceis que a monarchia no
Brazil foi um crime por muito tempo im-
puno!

Cidadãos! E' um patriota que vos
fallo! A' armas para o advento da
Republica, tendo em mente que a Re-
volução é uma alavanca do progress-
o!

Gonzaga